

Biden quer triplicar tarifas sobre aço e alumínio da China

No Brasil, Camex vai analisar semana que vem pleito do setor siderúrgico sobre impostos de até 25% para produtos chineses

ELIANE OLIVEIRA*
eliane@folha.com.br
PITTSBURGH (EUA) E BRASÍLIA

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, quer triplicar as tarifas sobre o aço e o alumínio chineses importados pelo país, por considerar que há “uma concorrência injusta”, a que prejudica os trabalhadores americanos. As tarifas chegariam a 25%, segundo a agência Bloomberg. A queixa contra as importações desses produtos não se resume aos EUA: na próxima quarta-feira, o Brasil vai analisar um pleito do setor siderúrgico para elevar as tarifas sobre esses itens.

Biden, que disputa a reeleição, pediu ao Escritório do Representante de Comércio dos EUA (USTR, sigla em inglês) para triplicar as tarifas atuais, de 7,5% em média, impostas a uma parte do aço e do alumínio chineses importados pelos Estados Unidos.

—As siderúrgicas chinesas não precisam se preocupar em lucrar, porque o governo chinês as subsidia. Não competem, trapaceiam — afirmou o presidente americano em Pittsburgh, na sede do sindicato United Steelworkers, que reúne os

trabalhadores do setor. — Eu não quero um confronto com a China, mas sim uma concorrência justa.

Além disso, a Casa Branca anunciou o início de uma investigação sobre as “práticas desleais da China nos setores dos estaleiros, transporte marítimo e logística”, a ser conduzida pelo USTR. Essa investigação responde a um pedido de várias organizações sindicais desses setores, que denunciam as políticas chinesas, “mais agressivas e intervencionistas que as de qualquer outro país”.

Analistas, porém, consideram a medida mais política que econômica. Colin Hamilton, diretor-gerente de Commodities da gestora BMO Capital Markets, disse à Bloomberg que apenas 2% do aço e 4% do alumínio usados nos EUA ano passado vieram da China.

ATENÇÃO À INFLAÇÃO

No Brasil, o Comitê Executivo de Gestão (Gecex) da Câmara de Comércio Exterior (Camex) deve analisar o pleito do setor siderúrgico para elevar, também a até 25%, as tarifas de importação de aço. Segundo interlocutores do governo, estão incluídos laminados, chapas e tubos.

Hoje, as alíquotas brasileiras estão em torno de 11%. O setor alega que há uma invasão de aço no Brasil, originário, principalmente, da China e da Rússia.

A Camex é formada por dez ministérios. Junto com o argumento de que um setor inteiro pode fechar empresas e demitir, há a preocupação com a inflação, já que um aumento de tarifa acaba tendo impacto nos preços ao consumidor.

Da parte dos grandes compradores de siderúrgicos, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), José Velloso, afirma que uma alta da tarifa para 25% faria com que o preço interno subisse 15%.

— Se o problema é o aço chinês, por que não pedir uma investigação por dumping ou subsídio? Por que não podemos comprar os produtos de outros países? — perguntou Velloso.

Já o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Marcelo Leite, disse que o aço representa o maior custo dos produtos. Leite afirmou que o segmento reconhece a importância de as indústrias siderúrgicas



Crise comercial. “As siderúrgicas chinesas não competem, trapaceiam”, afirmou Biden no sindicato em Pittsburgh

brasileiras se fortalecerem para concorrer com os importados e sugeriu que sejam realizados estudos, junto com o governo e todos os integrantes da cadeia.

— Queremos uma cadeia do aço pujante, com bastante vigor. Mas não se trata apenas de uma análise restrita à tarifa, e sim de encontrar formas de aumentar a competitividade — enfatizou Leite.

Em fevereiro deste ano, cinco produtos de aço que tiveram as tarifas de importação reduzidas em 2022 voltarão a pagar as alíquotas originais para entrar no país. O Gecex aprovou a medida, atendendo parcialmente a pedidos dos produtores nacionais, que alegavam concorrência desleal.

Há dois anos, o governo rebaixou unilateralmente em 10% o Imposto de Importação de uma série de insumos industriais. Segundo o Gecex, a decisão representava

uma recomposição e o órgão continua a analisar pedidos para restaurar a alíquota de outros produtos abrangidos pela redução das tarifas.

UE E AMÉRICA LATINA

Pequim, no entanto, denuncia o que chama de “falsas acusações” de Washington. Em nota, o Ministério do Comércio chinês afirma que a investigação do USTR “interpreta de forma equivocada as atividades normais de comércio e investimentos com os prejuízos para a segurança nacional e os interesses das empresas americanas.” E acrescentou que os EUA “impõem os seus próprios problemas industriais à China.”

Os anúncios da Casa Branca são feitos em um contexto de forte rivalidade com a China, apesar do diálogo renovado entre as duas maiores economias mundiais.

O governo Biden mencionou “a preocupação crescen-

te com o fato de as práticas comerciais desleais da China, como inundar o mercado com aço vendido abaixo do custo de mercado, estejam distorcendo o mercado global da construção naval e correndo a concorrência.”

Além disso, a União Europeia acusa de Pequim de destorcer o mercado local, ao inundá-lo com produtos de baixo preço.

Na América Latina, a indústria siderúrgica, que gera 1,4 milhão de empregos, também pede maiores tarifas de importação. A principal siderúrgica chilena, Huachipato, anunciou recentemente a suspensão paulatina de suas operações se não receber uma proteção tarifária, pressionada pela avaliação de aço chinês comercializado até 40% mais barato do que o produzido no Chile. Cerca de três mil postos de trabalho estão em risco, afirma a empresa.

(*Com agências internacionais)

Após cinco altas seguidas, dólar recua 0,5%, a R\$ 5,24

Preocupação de Campos Neto com o fiscal traz alívio à moeda americana, que segundo analistas, deve voltar ao patamar de R\$ 5,10

LETYCIA CARDOSO
leticia.cardoso@folha.com.br

Depois de cinco altas consecutivas, o dólar comercial finalmente deu uma trégua ontem, encerrando em queda de 0,50%, a R\$ 5,2434 — mantendo-se, no entanto, no maior patamar em mais de um ano. Além de um movimento de ajuste, pesaram as declarações do presidente do Banco Central, em Washington. Ele criticou a mudança na meta fiscal, afirmando que a incerteza “torna mais custoso o trabalho” da política monetária para conter a inflação.

Bruno Komura, analista da Potenza Capital, avalia que, a curto prazo, o real tende a se valorizar, levando o dólar a

um patamar de estabilidade, que ele estima em R\$ 5,10.

Diego Costa, head de câmbio para o Norte e Nordeste da B&T Câmbio, considera mais provável o dólar recuar para o intervalo entre R\$ 5,10 e R\$ 5,20 do que ter um novo aumento significativo.

— Esse cenário se assemelha ao movimento observado no ano passado, impulsionado pelo conflito no Oriente Médio. Mas, após atingir o pico em 6 de outubro, o dólar retornou ao patamar anterior.

IBOVESPA CAÍ 0,71%

No mercado acionário, o Ibovespa encerrou em queda pelo sexto pregão consecutivo, ao recuar 0,71%, aos 124.171 pontos. Segundo analistas, a aversão a risco é reflexo do

provável adiamento do corte de juros nos Estados Unidos, da mudança da meta fiscal no Brasil e do temor sobre uma possível escalada do conflito entre Israel e Irã. Desde sexta-feira, o índice de referência da B3 já perdeu 4,38%.

O Federal Reserve (Fed, o BC americano) divulgou ontem o chamado Livro Bege, compêndio de dados da economia dos EUA. O documento apontou aumento modesto da inflação e crescimento moderado dos salários, o que ser um entrave para o Fed dar início à redução dos juros.

A incerteza sobre a questão fiscal no Brasil fez com que os juros futuros de curto prazo subissem, o que afetou empresas ligadas à economia doméstica, como varejistas.



Câmbio.
Expectativa do mercado é que a moeda americana desacelere frente ao real

A taxa DI com vencimento em janeiro de 2026 passou de 10,730% para 10,755%. A Renner teve queda de 2,05%, a R\$ 15,75, e o Assai perdeu 1,23%, a R\$ 12,84.

Mas a maior queda do Ibovespa foi da Marfrig, que caiu 6,54%, a R\$ 9,71. Já a JBS recuou 1,02%, a R\$

22,39. Isso foi reflexo, segundo Alessandro Nishimura, economista e sócio da Nomos, da notícia de que a China está reduzindo suas importações de carne bovina.

O maior ganho foi da siderúrgica CSN: 5,48%, a R\$ 5,20. A mineradora Vale subiu 1,12%, a R\$ 62,13, com a

forte alta do minério de ferro na China, de 4,25%, a US\$ 120,20 a tonelada.

Ainda entre os papéis de maior peso no Ibovespa, a Petróbras registrou ganho de 0,32% nas ações ordinárias (ON, com voto), a R\$ 41,22, enquanto as preferenciais (PN, sem voto) avançaram 1,04%, a R\$ 39,90. Isso apesar de os preços do petróleo tipo Brent para junho ter fechado em queda de 3%, a US\$ 87,29.

Para Nishimura, a alta da Petróbras se deveu à expectativa de uma decisão sobre a distribuição dos dividendos extraordinários, que deve ser discutida na Assembleia Geral Ordinária do próximo dia 25.

— Inicialmente, o papel chegou a operar em baixa. A mudança de sinal coincidiu com a divulgação de notícia na qual um conselheiro, falando de sua opinião e não da empresa, teria afirmado ser favorável à distribuição dos R\$ 43,9 bilhões em dividendos extraordinários.

Índice do BC considerado ‘termômetro’ do PIB sobe 0,4% em fevereiro

RENAN MONTEIRO
renan.monteiro@folha.com.br
BRASÍLIA

O Banco Central do Brasil informou ontem que o Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), considerado um “termômetro” do Produto Interno Bruto (PIB), registrou alta de 0,40% em fevereiro, na comparação

com o mês anterior. Em janeiro, o indicador havia subido 0,60%, na série livre de efeitos sazonais.

Outro parâmetro é o crescimento trimestral móvel, ou seja, os últimos três meses na série. Em dezembro, janeiro e fevereiro, o IBC-Br registrou alta de 1,23%. Em 12 meses, o indicador acu-

mula alta de 2,34%.

O BC verifica o volume da produção da agropecuária, da indústria e do setor de serviços, além dos impostos sobre a produção. O lado da demanda da população, no entanto, não é considerado. A metodologia do IBGE do PIB é mais abrangente, verificando também o consumo das famílias,

gastos do governo, investimentos das empresas etc.

Rodolfo Margato, economista da XP, afirma que a atividade econômica ganhou tração nos últimos meses.

— O consumo das famílias permanece sólido em meio ao forte aumento da renda disponível. Além do mercado de trabalho firme e do

elevado nível de transferências governamentais, chamamos a atenção para os efeitos dos pagamentos de precatórios no primeiro trimestre de 2024 — disse ele, acrescentando que a projeção para o crescimento do PIB em 2024, atualmente em 2%, tem viés de alta.

Já Alberto Ramos, do Goldman Sachs, espera que a atividade continue a se beneficiar de estímulos orçamentais, do aumento do salário mínimo e do crédito.

Em 2023 a economia cresceu 2,9%. A Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda estima, preliminarmente, que o PIB tenha expansão de 2,2% este ano — mesma projeção do Fundo Monetário Internacional (FMI). O mercado, porém, prevê crescimento de 1,95%.